

A VERTIGEM MAIS TENEBROSA DE PLATÃO OU SOBRE A HONESTIDADE PLATÔNICA

Plato's most tenebrous vertigo or about the platonic honesty

Flavia Bruno¹

Resumo: Deleuze compreende que a tarefa própria da filosofia consiste em fazer emergir aquilo que está no fundo da filosofia platônica. Curiosamente, Platão teria sido o primeiro filósofo a apontar essa reversão, a partir, sobretudo, dos conceitos de receptáculo e simulacro. E, em razão dele conceber em sua obra aquilo contra o qual ele próprio vai lutar, que se pode dizer que ele é o mais honesto dos filósofos.

Palavras chave: Platão. Receptáculo. Simulacro. Reversão do platonismo. Deleuze.

Abstract: Deleuze understands that the very task of philosophy is make to emerge what is at the bottom of Platonic philosophy. Interestingly, Plato would have been the first philosopher to point this reversal, especially from the concepts of receptacle and simulacrum. We can say he is the most honest of philosophers because he conceives in his work that against which himself will fight.

Keywords: Plato. Receptacle. Simulacrum. Reversal of platonism. Deleuze.

Introdução

Deleuze, assim como Nietzsche, define a tarefa da filosofia como a de reversão do platonismo.² Note-se que a expressão usada é reversão e não aniquilação ou ultrapassamento. Nesse sentido, tal tarefa deve ser entendida não como abolição da filosofia platônica, mas antes como a inversão de sua motivação: como que colocar Platão de cabeça para baixo.

Isso significa dizer que Deleuze compreende ser próprio da filosofia fazer emergir aquilo que está no fundo da filosofia platônica. Ou seja, a questão fundamental da filosofia não seria estranha a Platão, mas ao contrário, lhe é própria, tendo sido por ele compreendida e exposta claramente em seus diálogos. É por

¹ Doutora em Filosofia pela UFRJ, professora adjunto da Universidade Candido Mendes e da Faculdade São Bento do Rio de Janeiro.

² Deleuze, Gilles. Platão e o simulacro. In: _____. *Lógica do sentido*, p. 259; _____. *Diferença e repetição*, p. 110.

esse motivo que se pode responder afirmativamente à pergunta de Deleuze: “Não seria necessário [...] que tivesse sido Platão o primeiro a indicar esta direção da reversão do platonismo?”³

Platão foi o primeiro a indicar a direção da reversão do platonismo sobretudo através de dois conceitos pouco explorados ou mal compreendidos de sua filosofia: o de simulacro (eidôlon) e o do receptáculo (hypodoché). E é exatamente em razão de ter sido Platão o primeiro a apontar a reversão daquilo que ele próprio propõe, em razão dele conceber em sua obra aquilo contra o qual ele próprio vai lutar, que se pode dizer que ele é o mais honesto dos filósofos.

1) O Diagrama da linha - a divisão principal e sua gênese

1.1) A cosmogonia do Timeu

Na República⁴, Livro VI, Platão traça o chamado diagrama da linha, onde representa os quatro modos de conhecimento correspondentes aos quatro gêneros de objetos a serem conhecidos. Primeiramente, a linha divide a realidade sensível da realidade inteligível. Esta é a dualidade platônica mais explorada, que leva à consequente distinção dos dois mundos (mundo das essências e mundo das aparências) e de dois modos de conhecer: o conhecimento dos seres originais (episteme) e a apreensão da realidade sensível (doxa).

A relação entre a realidade sensível e a realidade inteligível é dada desde o nascimento do mundo, conforme o astrônomo Timeu, estudioso da natureza do universo, expõe a Sócrates no diálogo platônico de mesmo nome. Logo no início da exposição Timeu distingue duas ordens de coisas: “o que sempre existiu e nunca

³ Deleuze, Gilles. Platão e o simulacro In _____. Lógica do sentido, p. 262.

⁴ Platão. República. 509d-511 e.

teve princípio” e “o que devém e nunca é”, que são apreendidas respectivamente pelo entendimento e pela opinião. Aquilo que é objeto do entendimento é sempre igual a si mesmo, ao passo que aquilo que é objeto da opinião a todo instante nasce e perece, sem nunca ser verdadeiramente.⁵

Ao mundo em que o homem vive, diz Platão, não se pode atribuir as propriedades da eternidade e da imutabilidade, posto que é visível, tocável e dotado de corpo, portanto, sujeito ao devir e ao nascimento.⁶ Com isso, o filósofo grego estabelece que sem dúvida, o mundo teve um começo, mas ele interroga a seguir se o arquiteto (demiourgos) que o construiu o fez tomando como ponto de partida o modelo imutável ou o modelo que muda constantemente. Em outras palavras, a inspiração cosmogônica tomou por paradigma a estabilidade e fixidez ou a mudança e transformação?

A resposta do filósofo está, ela própria, condicionada ao seu conceito de beleza. Para Platão será belo aquilo que for criado tendo como princípio o que sempre se conserva igual a si mesmo, podendo transmitir à criação a forma e a virtude desse modelo; por conseguinte, se a criação tomasse como princípio o que devém e que está sujeito ao nascimento, o resultado não seria de forma nenhuma belo.⁷ Ou seja, Platão condiciona a beleza do objeto criado ao princípio em direção ao qual o artista cria a sua obra e afirma que só é capaz de produzir o belo o que possui natureza eterna e imutável. Dado que “entre as coisas nascidas não há o que seja mais belo que o mundo”⁸, torna-se evidente que o arquiteto tomou como princípio o paradigma eterno, o modelo sempre idêntico a si mesmo⁹, que existe

⁵ Platão. Timeu 28 a.

⁶ Platão. Timeu 28 b.

⁷ Platão. Timeu 28 b.

⁸ Platão. Timeu, 29 a.

⁹ Platão. Timeu, 29 a, b.

desde toda a eternidade. Tal realidade, apenas visível com o auxílio da inteligência, é estável, fixa, inalterável, irrefutável e inabalável¹⁰.

Voltando ao diagrama do Livro VI, fica evidenciado, pelo exposto acima, que a cosmogonia platônica estabelece que a realidade existente abaixo da linha foi concebida tendo como inspiração a realidade existente acima da linha.

1.2) A criação mimética

A partir deste anseio de beleza e perfeição o construtor inicia o seu trabalho, levando “a cabo uma obra que fosse a mais bela e a mais perfeita que se poderia imaginar”¹¹. Assim, o mundo surge em função do labor do artesão divino, o que implica dizer que o mundo é o resultado de uma produção artística - a criação demiúrgica, a criação divina por imitação (mímesis).

O demiurgo terá, em primeiro lugar, como matéria prima de sua construção os eide preexistentes, as formas ou modelos, que constituem a realidade supra-sensível ou inteligível, existindo separadamente na eternidade e, exatamente em razão disso, a condição de possibilidade da produção da ciência. Na perspectiva platônica é impossível o verdadeiro conhecimento, o discurso universal, sem a existência de uma realidade estável, essencial, para além do fluxo da temporalidade. Ou seja, o ser e a verdade não podem ser dados na imediatez da experiência sensorial, naturalmente mutável e contraditória; o discurso da episteme não pode ter por objeto o que ora é de um modo, ora de outro, mas sim aquilo que é sempre imutável, idêntico a si mesmo. Logo, o conhecimento só será possível se existir uma realidade estável e eterna para além do meramente sensível, o que está garantido pela Teoria das Ideias, primeiro elemento da gênese do mundo.

¹⁰ Platão. Timeu, 29 b-c.

¹¹ Platão. Timeu, 30 b-c.

Esta condição não atende apenas à ambição epistemológica, mas também à ambição política, honestamente afirmada na Carta VII¹². Ser capaz de produzir um discurso que tenha como referência não o que muda, mas o que permanece, faz do discurso do filósofo um discurso de pretensão valor universal, uma competência da razão suficiente para produzir o conhecimento e para governar as cidades. Como ensina Châtelet,

O objetivo de Platão é formar homens de poder, homens que conhecendo o que provoca o assentimento, devem ser capazes de construir uma política que receberá a concordância de todos e fará cessar a guerra.... A esperança do filósofo é, então, construir uma espécie de tribunal pacífico, capaz de elaborar o discurso de conjunto, juiz de todos os discursos, e que possa ser, ao mesmo tempo, juiz de todas as práticas, de todas as condutas.¹³

É a ambição da competência da razão, do discurso universal que faz o artesão divino ter os olhos fixados nos modelos e ter como tarefa a criação de um mundo que seja a melhor imitação do modelo eterno.

Até aqui nada de novo no que se refere à ideia central do pensamento platônico: o que está acima da linha possui clara predominância sobre o que está abaixo da linha.

2) O Receptáculo como terceira realidade

A novidade começa e é nesse momento que a honestidade platônica se apresenta com maior vigor quando, no meio do diálogo, Timeu faz a sua confissão:

O novo começo de nossa descrição do universo exige uma divisão mais ampla do que a anterior. Na primeira distinguimos dois gêneros; porém, agora precisaremos revelar mais um. Para o discurso anterior, bastavam aqueles: um, postulado como modelo, inteligível, e sempre o mesmo; o

¹² Platão. Carta VII, 324 c - 325b.

¹³ Châtelet, François. Uma história da razão: entrevistas com Émile Noël, p. 27.

segundo, cópia desse modelo e sujeito ao nascimento. Não apresentamos o terceiro por acreditarmos que os dois eram suficientes.¹⁴

Platão afirma, no trecho citado, com todas as letras, como a sua distinção dos dois mundos é insuficiente para tratar do problema cosmogônico e faz-se necessário considerar uma terceira ordem de coisas. Diz ele: “agora, segundo parece, o tema nos obriga e tentar esclarecer por meio da palavra uma espécie difícil e obscura”¹⁵.

Eis uma nova realidade, que Platão chama de Receptáculo (hypodoché) e sua definição traz a medida da sua importância: “a matriz de tudo o que devém”¹⁶. O receptáculo é pois o material primitivo onde as imagens das formas vêm se fixar, sendo, ao mesmo tempo, um lugar e uma sede para tudo o que vem a ser.

No seu afã de precisar melhor sua definição, Platão sente a insuficiência da linguagem e a exigência de maior clareza se revela, sob vários aspectos, tarefa bastante árdua¹⁷. Pode-se ver aqui a aflição do filósofo que precisa explicar por meio de palavras exatamente aquilo que não se dá ao discurso. Assim, na sequência do diálogo ele faz uso de algumas metáforas e aplica a esta terceira realidade os termos lugar (topos), espaço (khôra) e necessidade (ananké).

A linguagem falta por que ela, habituada que é a expressar definições, se vê impotente para nomear os elementos que escapam a todo instante. Por ser matriz de tudo o que é matéria, o receptáculo não possui nunca a mesma forma e não pode ser definido por nenhuma permanência. Ele é dito aformal, aestrutural, ilimitado, apresentando todas as qualidades, inclusive as contrárias e suas derivações, de modo que não se poderia identificá-lo a nenhuma qualidade em especial. Dado que suas propriedades escapam a todo instante, torna-se ingrata toda tentativa de conceituação.

¹⁴ Platão. Timeu, 48 e ; 49 a, grifo nosso.

¹⁵ Platão. Timeu, 49 a, grifo nosso.

¹⁶ Platão, Timeu, 49 a.

¹⁷ Platão. Timeu, 49 b.

Em razão dessa dificuldade Platão faz uso da analogia. Diz ele que a prática demiúrgica se assemelha à prática do ourives, que molda com ouro figuras das mais variadas formas, sem parar de passar de uma forma a outra. Aquele que assistisse o trabalho desse artista não poderia dizer que realidade ele constroi, posto que “todas aquelas formas se modificam no próprio instante em que são apresentadas”¹⁸, mas se resignaria a dizer que é ouro.

Essa matéria é de tal ordem, que nada pode ser dela enunciada. Como ensina Brochard, ela “não poderia, por si mesma, ter nenhuma qualidade. Toda determinação, por mais insignificante que fosse, comprometeria sua indiferença, indispensável à admissão eventual de todas as determinações”.¹⁹

Justamente por não conhecer forma nenhuma, por ser de uma plasticidade infinita que o receptáculo pode receber todas as espécies de forma e, portanto, modelar todos os seres, não se opondo, ele mesmo, a nenhum modelo. “O que tem de receber devidamente, muitas e muitas vezes e em toda a sua extensão, todas as semelhanças das coisas inteligíveis e eternas, terá de ser livre, em sua natureza, de todos os caracteres”.²⁰

Nada pode ser estranho ao receptáculo, mas por outro lado, ele nem mesmo se parece com as coisas que entram nele, pois a cada acréscimo ocorre uma deformação em sua natureza. Esse receptáculo é pois, segundo expressão do próprio Platão, uma “superfície lisa”²¹, expressão essa, tão cara a Deleuze.

Brochard chama a atenção para os termos receptáculo, espaço e lugar serem usados de modo metafórico, assinalando a atitude que é própria da matéria, qual seja, ser suscetível a tudo, indiferentemente.²² O receptáculo “recebe todos os

¹⁸ Platão. Timeu, 50 a; 50 b.

¹⁹ Brochard, Victor. Études de philosophie ancienne et de philosophie moderne, p. 106. Tradução nossa.

²⁰ Platão. Timeu. 51 a.

²¹ Platão. Timeu, 51 a.

²² Brochard, Victor. Études de philosophie ancienne et philosophie moderne, p. 107. Tradução nossa.

corpos, ... sem nunca assumir, de maneira alguma, o caráter do que entra nela.... movimenta-se e diversifica-se pelo que entra nela, razão de parecer diferente conforme as circunstâncias”²³, “não passando de um fantasma sempre mutável de outra coisa”²⁴.

Platão é vencido pela limitação da linguagem e por fim, ele contenta-se em assim definir o receptáculo: “se asseverarmos que é uma espécie invisível e não caracterizada, que tudo recebe e participa do inteligível por maneira obscura e difícil de compreender, não formularemos uma proposição errônea”²⁵.

Peters diz que o receptáculo é o quase ser ²⁶, e que a ele Platão confere uma quase existência. Claro, os existentes são necessariamente determinados, individuados, encarnados em alguma forma. Mas o que escapa a toda determinação, o que se define como a matriz do devir, não pode ser propriamente um existente, pois não pode conhecer atualização ou estriamento.

3) A determinação dos três gêneros

Platão conclui no Timeu pela existência de três gêneros: “o que devém, aquilo em que isso devém e o modelo a cuja semelhança se originou o que nasceu”²⁷, isto é três realidades distintas: a ideia imutável, que não nasce nem perece, que nada recebe nem entra em nada, que não é nem visível nem perceptível, que só pode ser apreendida pelo pensamento; a que se parece com o modelo, mas que cai na esfera dos sentidos, sendo pois engendrada e conhecendo o movimento, apreendida pela opinião com a ajuda da sensação; por fim, o espaço ou receptáculo, eterno,

²³ Platão. Timeu, 50 c.

²⁴ Platão. Timeu, 52 c.

²⁵ Platão. Timeu, 51 a; 51 b.

²⁶ Peters, F. E. Termos filosóficos gregos - um léxico Histórico, p. 89 e 114.

²⁷ Platão. Timeu, 50 d.

indestrutível, não apreendido nem pelo pensamento nem pela sensibilidade, mas por um tipo de “raciocínio bastardo”²⁸.

As leituras de Platão tendo tanta dificuldade com essa terceira natureza acabaram por minimizá-la ou mesmo anulá-la, reduzindo a filosofia platônica a um dualismo, deixando de lado o que Platão, ele mesmo, não deixou.

De qualquer modo, o fato é que o demiurgo se depara com duas realidades eternas, anteriores a toda geração, que servirão de componentes para a criação do mundo: as formas inteligíveis e o receptáculo ou matéria caótica. Ao se por a trabalhar, o artesão fará com que essa matéria caótica, louca, disforme, copie os modelos ideais. Antes da formação do mundo todos os elementos se conduziam sem proporção nem medida,²⁹ então o artesão divino obrigará a matéria a imitar as formas inteligíveis. É nesse momento que nasce o mundo sensível, como um misto de formas inteligíveis e matéria caótica. “O nosso mundo é o resultado da ação causal do demiurgo, forçando o meio espacial a imitar as formas inteligíveis”.³⁰

4) O demiurgo como ortopedista do receptáculo

O universo visível (kósmos aisthetos) será construído como uma reprodução, uma imagem (eikon), que se pretende a mais fiel possível, do universo inteligível (kósmos noetós). É se inspirando nas virtudes das formas que o artesão realiza o seu trabalho, uma vez que transfere para a cópia a virtude do modelo. Assim, sua criação não é livre, mas sim comprometida com a reprodução, tendo por princípio ordenar o que é desordenado, sendo produto de uma atividade mimética.

A matéria caótica será ordenada a partir da ação demiúrgica:

²⁸ Platão. Timeu, 52 a; 52 b, grifo nosso.

²⁹ Platão. Timeu, 53 a.

³⁰ Ulpiano, Claudio. A ideia de matéria. Aula de 14/03/1989.

O nous começa a sua ação e põe ordem no caos ao transformar as qualidades primárias da terra, ar, água e fogo nos quatro corpos primários do mundo sensível, pela identificação de cada um dos 'elementos' com um dos sólidos geométricos primários suscetível de ser inscrito numa esfera³¹.

Quando esta ortopedia se dá, o que era disforme, caótico, fluido, indeterminado, ganha ordem, determinação e, na compreensão platônica, beleza. O demiurgo, diz ele, "tomou o conjunto das coisas visíveis - nunca em repouso, mas movimentando-se discordante e desordenadamente - e fê-lo passar da desordem para a ordem, por estar convencido de que esta é em tudo superior àquela".³² Eis a gênese do Cosmos.

A criação artística, através da sua exigência de ordem e beleza molda a matéria aformal em função desses modelos inteligíveis. É assim que o demiurgo forçará a matéria livre, caótica, a imitar o modelo e é assim também que a ordem e a proporção se sobrepõe à desordem. A qualidade do resultado final do trabalho do artesão residirá na mais próxima imitação, na reprodução mais exata possível das formas inteligíveis e na conseqüente conquista de ordem e proporção. O demiurgo é um ortopedista do receptáculo, alguém que verga a matéria, lhe impõe uma forma e lhe exige obediência e submissão.

Entretanto, esta modelagem não é perfeita. Na qualidade de cópias, os seres do mundo sensíveis não guardam as mesmas propriedades que os seus modelos inspiradores. Diz Platão que se se compara o igual em si com a realidade das coisas iguais que as sensações apresentam, percebe-se que "há em todas elas o desejo de serem tal qual é essa realidade e que no entanto lhe são inferiores".³³

"O espaço platônico é o espaço de luta entre a inteligência e a necessidade, com a vitória quase total da primeira, mas com um resíduo nunca por completo

³¹ Peters, F. E. Termos filosóficos gregos, p. 90.

³² Platão. Timeu, 30 a.

³³ Platão. Fédon, 75 b.

eliminável de desvios ou caprichos da causa errante”.³⁴ É como se a matéria resistisse às próprias ideias, resistisse à determinação e afirmasse permanentemente um impulso de livre indeterminação. “Ela manifesta sua resistência pela agitação e movimento e esse movimento não tem nem trégua nem termo”.³⁵

É como se em cada objeto do mundo sensível permanecesse ainda que de modo latente, a propriedade do caos. No momento que a imitação cessasse de operar, o caos retornaria. Daí Platão ter uma constante preocupação com as distinções. É preciso distinguir a boa da má cópia, isto é, a cópia que é uma boa imitação da cópia que é uma má imitação, ou ainda pior, a cópia que deixa de imitar.

5) A subdivisão da linha da realidade sensível

É por isso que é preciso se ater com mais cuidado ao diagrama da linha. Ao invés de se contentar com o famoso dualismo entre mundo sensível e mundo inteligível, deve-se voltar o olhar para as suas sub-divisões.

Cada lado da linha recebe uma segunda divisão: na realidade inteligível encontram-se dois gêneros do conhecimento: a intuição intelectual (noesis) e o conhecimento discursivo (dianoia), que possuem como objeto de conhecimento as formas inteligíveis ou ideias e os objetos hipotéticos, respectivamente; da mesma forma, na realidade visível ou sensível encontram-se dois gêneros do conhecimento: a conjectura (eikasia) e a convicção ou crença (pístis), que possuem como objeto de um lado, as imagens, aí incluídas as sombras, simulacros e outras coisas de mesmo

³⁴ Robledo, Antonio Gómez. Platón: los seis grandes temas de su filosofía, p. 296. Tradução nossa.

³⁵ Brochard, Victor. Études de philosophie ancienne e philosophie moderne, p. 107-108. Tradução nossa.

gênero, e de outro, os objetos sensíveis, aí incluídos os animais, as plantas e os objetos fabricados pelo homem, respectivamente.

A realidade sensível compreende, pois, as coisas reais e as sombras dos objetos reais, ou seja, os seres que os homens encontram à sua volta, aquilo que é dado na percepção imediata da realidade sensível e as sombras e os simulacros dessas primeiras imagens.

Aqui, na particular sub-divisão da realidade visível opera-se uma mudança de natureza da dualidade platônica: a verdadeira distinção desloca-se do original/cópia para a distinção cópia/simulacro. A distinção “não é entre o modelo e a cópia, mas entre duas espécies de imagens (ídolos) cujas cópias (ícones) são apenas a primeira espécie, sendo a outra constituída pelos simulacros (fantasmas)”.³⁶

Se Platão considera o simulacro um gênero da realidade visível é exatamente em razão de ser o receptáculo elemento constituinte do mundo. Platão apresenta uma matéria caótica como um componente fundamental da própria criação do cosmos. Esta matéria é moldada, mas não vencida. Essa realidade não se ausenta do mundo, mas ao contrário, insiste nele. Ainda que recalcado ou oprimido, este componente caótico permanece como uma natureza latente, sempre pronta a desfazer a ordem que lhe foi imposta. Em outras palavras, a subdivisão da realidade sensível revela a existência de uma realidade que foge ao ordenamento imposto pela ação demiúrgica.

6) O simulacro

Assim, no mundo sensível existem as imagens que são boas cópias, os ícones, aquelas que mantêm-se no esforço de imitação, que se salvam em nome da

³⁶ Deleuze, Gilles. Diferença e repetição, p. 210.

identidade do modelo, e as imagens que abandonam o princípio mimético, chamadas de simulacro. Saber distingui-las é tarefa permanente do platonismo. Selecionar as linhagens, como diz Deleuze, dividir as linhas puras das impuras, o autêntico do inautêntico. “O único problema que atravessa toda a filosofia de Platão... é sempre o de avaliar os rivais, de selecionar os pretendentes, de distinguir a coisa e seus simulacros”.³⁷

O próprio método da divisão (diáresis) seria um método de seleção. Na tarefa de definição “não se trata de dividir um gênero determinado em espécies definidas, mas de dividir uma espécie confusa em linhas puras ou de selecionar uma linhagem pura a partir de um material que não o é”.³⁸

As cópias seriam boas imagens, boas pretendentes, pois dotadas de semelhança aspiram ao modelo, enquanto o simulacro, seria uma realidade diversa, em nada comprometido com o modelo. A cópia é fiel ao modelo que inspira sua semelhança, mas o simulacro é uma imagem sem semelhança³⁹. O simulacro é o que não participa de coisa alguma, que escapa tanto da ideia quanto da cópia, não se deixando aprisionar por elas. “Há no simulacro um devir-louco, um devir ilimitado, [...] um devir sempre outro [...] hábil a esquivar o igual, o limite, o Mesmo ou o Semelhante”⁴⁰. Ele pode ser dito o dessemelhante, a potência de afirmação da diferença que diz que cada coisa, cada expressão do mundo é absolutamente singular, não guardando qualquer similitude ou identidade com qualquer outra. “O simulacro é construído sobre uma disparidade, sobre uma diferença, ele interioriza uma dissimilitude”⁴¹.

O platonismo se afirma como filosofia que busca a identidade das essências, mas é também a filosofia que torna possível a compreensão da diferença, posto que

³⁷ Deleuze, Gilles. *Diferença e repetição*, p. 113.

³⁸ Deleuze, Gilles. *Diferença e repetição*, p. 112.

³⁹ Deleuze, Gilles. *Platão e o simulacro*. In: _____. *Lógica do sentido*, p. 263.

⁴⁰ Deleuze, Gilles. *Platão e o simulacro*. In: _____. *Lógica do sentido*, p. 264.

⁴¹ Deleuze, Gilles. *Platão e o simulacro*. In: _____. *Lógica do sentido*, p. 263.

o simulacro não é desvio de identidade, mas sim desvio de desvio – a própria expressão da diferença. Como diz Ulpiano, os simulacros são imagens que não copiam, mas sim variam, deformam, modificam, isto é, imagens que se libertam da obrigação de copiar.⁴²

Em consequência, a ideia de simulacro permite ultrapassar a dualidade modelo/cópia, uma vez que o simulacro não é uma má imitação, não é a imperfeição da cópia. Ele é uma singularidade, uma destituição do paradigma, uma autonomização em relação a qualquer modelo. O simulacro é a instância em que toda a semelhança é abolida sem que se possa indicar a existência de um original e de uma cópia.⁴³

Deleuze diz que o fim do sofista contém a mais extraordinária aventura do platonismo: debruçar-se sobre o abismo do simulacro⁴⁴. É quando Platão⁴⁵ distingue as cópias ícones dos simulacros-fantasmas, estabelecendo entre eles uma diferença de natureza. “Platão, no clarão de um instante, descobre que não é simplesmente uma falsa cópia, mas que põe em questão as próprias noções de cópia e de modelo”⁴⁶.

Ainda assim, toda a tarefa da filosofia platônica sempre será de recalcar os simulacros, de mantê-los no fundo, de impedi-los de se insinuar⁴⁷, posto que ele é uma subversão, uma diferença que não se reduz a nenhuma similitude.

7) A subdivisão da linha exposta no Filebo

⁴² Ulpiano, Claudio. Ícone e simulacro (enkrateia - estética da existência). Aula de 22/09/1995.

⁴³ Deleuze, Gilles. Diferença e repetição, p. 124.

⁴⁴ Deleuze, Gilles. Platão e o simulacro. In: _____. Lógica do sentido, p. 261.

⁴⁵ Platão. Sofista, 264c.

⁴⁶ Deleuze, Gilles. Platão e o simulacro. In: _____. Lógica do sentido, p. 261.

⁴⁷ Deleuze, Gilles. Platão e o simulacro. In: _____. Lógica do sentido, p. 264.

No Filebo⁴⁸ Platão apresenta uma distinção da realidade menos trabalhada pela tradição. Neste diálogo o filósofo grego estabelece que tudo o que existe no universo pode ser considerado sob quatro gêneros: o ilimitado (apeiron), o limite (peras), a causa de sua união (aitía) e o produto de ambos ou misto (meiktón).

O ilimitado compreende aqui o que não tem medida ou definição, o que flui continuamente, o que admite o mais e o menos, enquanto que o limite é o que põe uma medida ao ilimitado, tornando-a comensurável e constante. Quando esse intercurso se dá, produz-se o misto harmônico.

A dualidade limite/ ilimitado não é a dualidade mais conhecida de Platão, é, nas palavras de Deleuze, uma dualidade mais profunda, mais secreta: uma dualidade subterrânea.⁴⁹ Ela pode ser dita secreta por não ser muito explorada quando se apresenta o pensamento platônico; ela pode ser dita subterrânea porque se refere à subdivisão do que está abaixo da linha principal do diagrama traçado pelo Livro VI da República.

De acordo com Ulpiano,⁵⁰ a dualidade entre limite e ilimitado só se dá abaixo da linha, uma vez que tudo o que está acima da linha tem limites eternos, definitivos, em nada se compondo com o ilimitado. Somente na realidade visível vemos o misto de limite e ilimitado, o que faz das cópias seres de limites provisórios, enquanto que os simulacros seriam objetos sem qualquer limite.

Assim, a dualidade mais secreta de Platão oporia as coisas limitadas e medidas, que possuem qualidades fixas (ainda que temporariamente) e as coisas ilimitadas, o devir louco, o puro devir sem medida, que nunca se detém.

Aproximando o Filebo do Timeu, pode-se afirmar que o limite com o ilimitado constituem o composto sensível. Os ícones da realidade sensível possuem limite na medida em que imitam o que está acima da linha, na medida em que se submetem

⁴⁸ Platão. Filebo, 23 c- 31b.

⁴⁹ Deleuze, Gilles. Lógica do sentido, p. 2.

⁵⁰ Ulpiano, Claudio. Uma pequena aula de Platão. República VI. Aula de 07/08/1994.

às causas ideais. Tais limites são ditos provisórios exatamente porque por baixo das cópias subsiste o elemento genético material: um elemento louco que ameaçaria todo e qualquer limite, resultado da ordem imposta pelas ideias e obedecida pelas cópias.

Se tudo o que se submete ganha um contorno, um limite, uma determinação, o que não se submete permanece ilimitado: eis a matéria do simulacro, realidade que não se deixa apreender por uma permanência, realidade que não é capaz de finalizar o devir, realidade que se submete à causa errante.⁵¹

Desse modo, parece correto aproximar a ideia do receptáculo com a ideia do ilimitado: ⁵²o que não está fixo em parte alguma, mas ao contrário, em constante trânsito de um a outro contrário, isto é, “o que é o substrato permanente das mudanças”,⁵³ o que torna possível a formação de todas as combinações.

O limite poria um termo na continuidade desse fluxo e constituiria as coisas concretas. Mas como no “universo há tanto excesso ilimitado quanto suficiência de limite”⁵⁴, Platão teme diante da possibilidade das cópias perderem a semelhança, pois quando a semelhança acaba, é o reino do simulacro. Eis sua vertigem mais tenebrosa que ele honestamente não deixou esconder.

Conclusão

Platão não escondeu sua vertigem mais tenebrosa, ao contrário, corajosa e honestamente a enunciou. Mas talvez não a tenha enunciado de forma plena em

⁵¹ Ulpiano, Claudio. Uma pequena aula de Platão. República VI. Aula de 07/08/1994.

⁵² Vitor Brochard comunga dessa aproximação e identifica os quatro gêneros supremos presentes no Filebo aos elementos do Timeu: o limite seria a ideia; o ilimitado, a matéria; o mixto, a gênese; a causa, o demiurgo. In Brochard, Victor. Études de philosophie ancienne et philosophie moderne, p. 108.

⁵³ Robledo, José Gómez. Platón - los seis grandes temas de su filosofía, p. 258. Tradução nossa.

⁵⁴ Platão. Filebo, 30 c.

seus escritos, dedicando-lhe um diálogo em especial. Talvez o tenha feito apenas em seus ensinamentos orais.

No Fedro⁵⁵, Platão afirma que um filósofo deve dispor de algo mais valioso do que aquilo que criou ou escreveu. A vertigem da diferença produzida pelo receptáculo e pelo simulacro podem muito bem ter sido comunicados com mais entusiasmo nas chamadas doutrinas não escritas (agrafa dogmata), atestadas por Aristóteles⁵⁶ e reafirmadas pela tradição.

Reale não só confirma a existência de tais doutrinas, como diz ainda que nelas Platão transmite os seus conteúdos principais,⁵⁷ se valendo das palavras do filósofo em sua Carta VII ao declarar: “eis o que tenho a explicar... acerca daquilo de que me ocupo. [...] Não há obra minha escrita sobre ele, nem jamais poderá haver”.⁵⁸

Eis a tese da inexpressabilidade que, de acordo com T. H. Irwin, é a reivindicação filosófica mais original de toda a carta.⁵⁹ O que é escrito não seria capaz de comunicar as coisas essenciais, “pois de modo algum se pode falar disso, como de outras disciplinas, mas, depois de muitas tentativas, com a convivência gerada pela intimidade, como um relâmpago brota uma luz que nasce na alma e se alimenta a si própria”.⁶⁰

De acordo com Tennemann, “Platão valeu-se do direito de que goza todo pensador, de comunicar somente a parte das suas descobertas que julgava oportuno e de comunicá-la somente àqueles que julgava capazes de acolhê-la”.⁶¹ Também Mattéi comunga da ideia de que os mais altos princípios da natureza

⁵⁵ Platão. Fedro, 278 d.

⁵⁶ Aristóteles, Física, IV, 2, 209 b, 11-17.

⁵⁷ Reale, Giovanne. História da filosofia antiga. Volume 1, p. 11.

⁵⁸ Platão. Carta VII, 341 c, grifo nosso.

⁵⁹ Irwin, T. H. Introdução à Carta VII in Platão. Carta VII, p. 36.

⁶⁰ Platão. Carta VII, 341 d-e.

⁶¹ Tennemann, W. System der Platonischen Philosophie apud Reale, Giovanne. História da Filosofia antiga. Vol 1, p. 23.

exprimem uma sabedoria que nem todos estão prontos a receber.⁶² Daí que “quando Platão compunha os diálogos, movia-se num horizonte de pensamento mais amplo do que aquele que ia fixando por escrito”.⁶³

Quem pode acolher ideias bastardas como o receptáculo e o simulacro? Quem é capaz de ver que para além da sensibilidade e do intelecto existe uma terceira realidade, de natureza difícil de alcançar?

Este difícil caminho é o que se propõe a filosofia deleuziana e por isso se enuncia como a reversão do platonismo. Reverter o platonismo nada mais é do que “recusar o primado de um original sobre a cópia, de um modelo sobre uma imagem. Glorificar o reino dos simulacros e dos reflexos”⁶⁴, fazer do simulacro a forma superior.⁶⁵

Eis o objetivo: “fazer subir os simulacros, afirmar os seus direitos entre os ícones e as cópias [...]. Trata-se de introduzir a subversão neste mundo, crepúsculo dos ídolos”, em razão do simulacro encerrar “uma potência positiva que nega tanto o original como a cópia, tanto o modelo como a reprodução”⁶⁶.

O conceito de simulacro traz a ideia de que toda similitude e mesmo toda identidade provém de uma disparidade de fundo.⁶⁷ Ele traz a vertigem da qual a filosofia não pode escapar.

Referências

BROCHARD, Victor. *Études de philosophie ancienne e t moderne*. Paris: J. Vrin, 1954.

⁶² Mattéi, Jean François. Platão, p. 186.

⁶³ Reale, Giovanne. História da Filosofia antiga. Vol 1, p. 39.

⁶⁴ Deleuze, Gilles. Diferença e repetição, p. 121.

⁶⁵ Deleuze, Gilles. Diferença e repetição, p. 122.

⁶⁶ Deleuze, Gilles. Platão e o simulacro. In: _____. Lógica do sentido, p. 267.

⁶⁷ Deleuze, Gilles. Platão e o simulacro. In: _____. Lógica do sentido, p. 267.

CHÂTELET, François. *Uma história da razão: entrevistas com Émile Noël*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. *O que é a filosofia?*. Rio de Janeiro: 34, 1992.

_____. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

MATTÉI, Jean François. *Platão*. São Paulo: Unesp, 2010.

PETERS, F. E. *Termos filosóficos gregos: um léxico histórico*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, .

PLATÃO. *Timeu; Crítias; O segundo Alcebiades; Hípias Menor*. 3 ed. Belém: EDUFPA, 2001.

_____. *Filebo*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2012.

_____. *A República*. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2000.

_____. *Carta VII*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2013.

_____. *Fedro*. São Paulo: Edipro, 2012.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia antiga*. vol. 1. São Paulo: Loyola, 1994. (5 vol.)

ROBLEDO, Antonio Gómez. *Platón: los seis grandes temas de su filosofía*. México: Fondo de Cultura económica, 1986.

ULPIANO, Claudio. *Uma pequena aula de Platão - A República Livro VI*. Aula de 07/08/1994. Disponível em:
<<http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?p=4543>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

_____. *Ícone e simulacro* (enkrateia - estética da existência). Aula de 22/08/1995. Disponível em: <<http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?p=3064>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. *Eikasia*: uma ilusão percorre o mundo sensível. Aula de 06/01/1994. Disponível em: <<http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?p=4055>>. Acesso: 15 fev. 2015.

_____. A ideia de Matéria. Aula de 14/03/1989. Disponível em:<<http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?p=23>>. Acesso em: 18 fev. 2015.

_____. *A grande aventura do pensamento*. Rio de Janeiro: Funemac Livros, 2013.